

SALESIANOS DE DOM BOSCO

CAPÍTULO GERAL XXVIII

# QUAIS SALESIANOS PARA OS JOVENS DE HOJE?

INSTRUMENTO DE TRABALHO PARA O TEMA



20 DE SETEMBRO DE 2019



# INTRODUÇÃO

## UM CAMINHO GUIADO PELO ESPÍRITO

### 1. O CAPÍTULO GERAL 28 COMO PROCESSO DE DISCERNIMENTO

O Reitor-Mor, mediante a carta circular de 24 de maio de 2018 (cf. ACG 427), convocava o Capítulo Geral 28 para o tema: “Quais salesianos para os jovens de hoje?”. O objetivo fundamental é individuado no

ajudar a Congregação a aprofundar, quanto possível, qual é e qual deveria ser o perfil do *salesiano capaz de responder aos jovens de hoje*, a todos os jovens, especialmente os mais pobres e necessitados, os excluídos e os descartados, os mais frágeis e os privados dos direitos fundamentais. E isso *num mundo sempre mais complexo e que experimenta mudanças velozes* (ACG 427, 7-8).

Esta única intenção foi expressa desde o início mediante uma tríplice articulação, que procura recolher os diversos desafios emersos na fase inicial do discernimento:

- *Prioridade da missão salesiana entre os jovens de hoje*
- *Perfil do salesiano para os jovens de hoje*
- *Junto com os leigos na missão e na formação*

A partir e em conformidade com a *Carta de convocação* e suas conseqüentes *Orientações e diretrizes* foram celebrados os Capítulos inspetoriais, que podemos identificar como a *primeira fase* do processo de discernimento.

A *Comissão pré-capitular*, de 9 a 20 de setembro de 2019, analisou com atenção as contribuições das diversas Inspetorias, de grupos ou de irmãos individualmente e também as contribuições dos jovens. O fruto do trabalho desta Comissão é o presente *Instrumento de trabalho*, redigido com a finalidade precisa de servir de base para o discernimento que terá como sujeitos os participantes do Capítulo. O Capítulo Geral, que se realizará em Valdocco de 16 de fevereiro a 4 de abril de 2020, é a *segunda fase* do discernimento.

Será tarefa do Capítulo Geral, enquanto autoridade suprema da Congregação (cf. *Constituições salesianas*, n. 120), fazer o discernimento através da aprovação de um *Documento final*, que será o fruto do Capítulo.

Evidentemente, haverá também a *terceira fase*: a de acolhida e atuação das diretrizes surgidas do Capítulo Geral 28 e realizada pelo Conselho Geral, as Regiões, as Inspetorias, as comunidades religiosas e educativo-pastorais e cada um dos irmãos.

### 2. A METODOLOGIA OPERATIVA

Entramos, agora, na compreensão deste *Instrumento de trabalho*. Ele foi redigido segundo o *método do discernimento*, que a Igreja acolheu como válido e fecundo para o Sínodo sobre os jovens e que a Congregação já experimentou em Capítulos anteriores. Tanto o *Instrumentum laboris* como o *Documento final* do Sínodo seguem esse método. Ter em segundo plano do nosso trabalho capitular os três anos de empenho da Igreja universal sobre os jovens, pareceu-nos muito oportuno: a assimilação desse caminho pela nossa Congregação é a premissa adequada para tornar frutuoso o nosso Capítulo Geral, que se insere no interior do caminho da Igreja. Em 3 de outubro de 2018, primeiro dia do Sínodo sobre os jovens, o Papa Francisco afirmava sobre esse método:

Franqueza no falar e abertura na escuta são fundamentais para que o Sínodo seja um processo de discernimento. O discernimento não é um slogan publicitário, não é uma técnica organizativa, nem uma moda deste pontificado, mas um procedimento interior que se enraíza num ato de fé. O discernimento é o método e, simultaneamente, o objetivo que nos propomos:

baseia-se na convicção de que Deus atua na história do mundo, nos acontecimentos da vida, nas pessoas que encontro e me falam. Por isso, somos chamados a colocar-nos à escuta daquilo que nos sugere o Espírito, segundo modalidades e direções muitas vezes imprevisíveis.

Reconhecendo a sua ação, somos levados a abrir-nos à novidade, a ter a coragem de sair, a resistir à tentação de reduzir o novo ao já conhecido. O discernimento enraíza-se num ato de fé em Deus, que é Senhor da história e a conduz com a misteriosa e vivificante presença do seu Espírito.

O discernimento é, *portanto, antes de tudo escuta de Deus* e da sua palavra, dos jovens e dos seus apelos, da experiência da Igreja e da Congregação. Enfim, também do desejo profundo de bem, de plenitude e de alegria que cada um traz dentro de si. Na tradição herdada de São Francisco de Sales – de quem estamos para celebrar o quarto centenário da morte (1622-2022) – a escuta das inspirações e dos movimentos do coração constitui um elemento relevante na busca da vontade de Deus.

Através da escuta sincera e da partilha da contribuição de cada um, a dinâmica do discernimento leva-nos em profundidade à *busca das razões e das raízes do que estamos vivendo*. Isso nos permite examinar os nossos critérios, pôr em discussão os nossos hábitos, a fim de sermos criativamente fiéis à única missão confiada desde sempre à Congregação: acompanhar os jovens para o encontro com o Senhor, fazer experiência do seu amor e responder ao seu chamado.

O discernimento torna-se, assim, instrumento pastoral, capaz de *individualizar os caminhos a percorrer*, propondo para os jovens de hoje caminhos e itinerários possíveis de serem vividos e oferecendo orientações e sugestões adequadas para a missão que não sejam pré-concebidas na mesa de trabalho, mas fruto de um caminho que permite seguir o Espírito. O itinerário assim estruturado convida a abrir e a não fechar, a apresentar problemas e suscitar questionamentos sem sugerir respostas pré-fabricadas, a projetar alternativas e sondar oportunidades.

### **3. A ESTRUTURA DO TEXTO**

Nesta perspectiva fica claro que o Capítulo Geral deve ser enfrentado com as disposições próprias do processo de discernimento. Por isso, este *Instrumento de trabalho* está estruturado em três partes que se referem à articulação do processo de discernimento indicado pela *Evangelii gaudium*, n. 51 (reconhecer, interpretar, escolher). Não são três partes independentes, mas um único itinerário: cada fase permitirá dar um passo a mais que será o ponto de partida da fase sucessiva.

#### ***Reconhecer***

O primeiro passo é olhar e escutar. Em relação ao tema dos três núcleos de trabalho, somos chamados primeiramente a sintonizar-nos com a *primeira fase* do discernimento, a dos Capítulos inspetoriais. Trata-se de compreender não só com a nossa inteligência, mas sobretudo com um coração capaz de compaixão evangélica, escuta empática e olhar misericordioso (cf. *Lc* 7,13; 10,33; 15,20; *Mt* 9,36).

Este primeiro passo exige que se dê atenção à realidade dos jovens de hoje, na diversidade de condições e contextos em que vivem. Exige humildade e proximidade, a fim de podermos sintonizar e perceber quais são as suas alegrias e as suas esperanças, as suas angústias e os seus sofrimentos. Suas vozes, colhidas nas Inspetorias e nas Regiões, ressoam em nosso coração. O mesmo olhar e a mesma escuta, cheios de solicitude e de atenção, voltam-se para o que é vivido em nossas comunidades salesianas e nas comunidades educativo-pastorais.

#### ***Interpretar***

O segundo passo é aprofundar o que foi reconhecido através do recurso a critérios de

interpretação e avaliação. A Comissão pré-capitular procurou identificar as questões fundamentais a serem abordadas, o que exige um trabalho capaz de aprofundar. Trata-se de buscar as causas, com verdade e honestidade, e exprimir as razões do que reconhecemos. Para formular avaliações equilibradas será importante evitar uma atitude de idealização ou de culpa. Este é um passo delicado, que empenhará os capitulares de maneira particular, porque deverão interpretar à luz do Espírito o que é encontrado na realidade. Nesta fase, o *Instrumento de trabalho* apresenta para cada núcleo três “questões a enfrentar” e põe muitas perguntas, também provocadoras, para tornar vivo e frutuoso o confronto e ajudar os capitulares a fazerem emergir os principais desafios sobre os quais seremos chamados a decidir.

### **Escolher**

Só se deixando iluminar pela vocação aceita é possível compreender quais os passos que o Espírito nos chama a dar e em que direção nos mover para responder ao seu chamado. Nesta fase, ‘discernimento’ significa colocar em ordem os meios, a partir da escolha dos mais adequados. Com esta intenção é preciso examinar atitudes, processos e estruturas, e cultivar a liberdade interior necessária para escolher os que nos permitem seguir o Espírito e abandonar os que se revelam menos capazes de alcançar a finalidade. Este passo levará a individuar onde é necessária uma intervenção de reforma, uma mudança das nossas praxes pastorais para subtraí-las ao risco de cristalizar-se.

A *Comissão pré-capitular* optou por distinguir esta fase de trabalho em dois níveis: o primeiro refere-se ao primeiro momento do discernimento (os *Capítulos inspetoriais*), e elenca as principais e mais compartilhadas propostas operativas; o segundo nível (o *Capítulo Geral*), porém, é simplesmente preparado com algumas indicações e perguntas capazes de dar início ao diálogo e às opções. Mediante essa dupla articulação, o discernimento do Capítulo Geral não é pré-determinado pelas contribuições das Inspetorias, mas será chamado a levar ao amadurecimento o processo que já envolveu toda a Congregação.

## **4. EM VISTA DE UM NOVO PENTECOSTES**

Nesta mudança de época, o Espírito Santo está levando a Igreja ao rejuvenescimento. O caminho sinodal dos últimos três anos despertou entusiasmo, restaurou a confiança e abriu novas maneiras de educar e evangelizar os jovens.

Como guiou a experiência sinodal, temos certeza de que o Senhor Jesus também guiará o caminho da Congregação em vista de novos horizontes da missão. O 150º aniversário da primeira expedição missionária (1875-2025) também nos exorta a redescobrir o entusiasmo apostólico de Dom Bosco, capaz de abraçar o mundo inteiro. Se formos dóceis ao sopro do Espírito, descobriremos que Ele nos levará muito além de nossas expectativas e esquemas. De fato, como os padres sinodais declararam, «não se trata de criar uma nova Igreja para os jovens, mas sim de redescobrir com eles a juventude da Igreja, abrindo-nos à graça dum novo Pentecostes» (*Documento final do Sínodo*, n. 60).

Estamos também persuadidos de que Deus habita e atua no coração dos jovens, porque «em cada um deles, inclusive naqueles que não conhecem Cristo, a fim de os conduzir à beleza, à bondade e à verdade» (*Documento final do Sínodo*, n. 59).

No dia de Pentecostes, enquanto os apóstolos estavam reunidos com Maria à espera do dom prometido por Jesus, cumpriu-se a antiga profecia de Joel: «Derramarei o meu Espírito sobre todos vós; e vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões e os vossos anciãos terão sonhos» (*At 2,17*; cf. *Jl 3,1*). Também nós, juntamente com os jovens, nas pegadas do nosso amado pai Dom Bosco, queremos acolher sonhos inspirados pelo Espírito, profecias de futuro, visões de santidade. A experiência espiritual, educativa, pastoral e eclesial de Valdocco nasceu assim: com a sabedoria dos anciãos e o entusiasmo dos jovens. Podemos partir, então, para a aventura do Capítulo, fazendo nossa a imagem

com que um jovem de Samoa falou no Sínodo sobre a Igreja. Ela é como

uma canoa, na qual os idosos ajudam a manter a rota, interpretando a posição das estrelas, e os jovens remam com força imaginando o que os espera mais além. Não nos deixemos extraviar nem pelos jovens que pensam que os adultos são um passado que já não conta, que já está superado, nem pelos adultos que julgam saber sempre como se deveriam comportar os jovens. O melhor é subirmos todos para a mesma canoa e, juntos, procurarmos um mundo melhor, sob o impulso sempre novo do Espírito Santo (*Christus vivit*, n. 201).

*20 de setembro de 2019*  
*A Comissão Pré-capitular*

## PRIORIDADE DA MISSÃO SALESIANA ENTRE OS JOVENS DE HOJE

*Apresenta-se neste núcleo a síntese da reflexão dos Capítulos inspetoriais, da contribuição dos irmãos e da escuta dos jovens. Este primeiro núcleo visa indicar a «prioridade absoluta à missão salesiana com os jovens de hoje para ser, como Dom Bosco, “sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres” (Const. 2)» (ACG 427, 12). Não se encontrarão nele todos os elementos da missão, mas apenas as prioridades que emergiram com insistência particular na fase de preparação ao CG28.*

### RECONHECER

#### 1. **O mundo juvenil e a atualidade da missão salesiana**

Na maioria dos países do mundo, os jovens são um elemento numericamente significativo para a sociedade. Em algumas áreas do planeta com taxa elevada de natalidade, eles representam uma parcela significativa e crescente da população, mas nem sempre têm à disposição estruturas educativas adequadas e oportunidades efetivas de crescimento e desenvolvimento. Em outros países, assistimos a um declínio demográfico que torna menos significativa a importância dos jovens na sociedade.

Muitos jovens no mundo vivem em situação de pobreza e miséria devido a desigualdades sociais e políticas iníquas de opressão. São muitas as crianças e os jovens forçados a emigrar de suas terras, numerosos os refugiados e desalojados. Outros, como os jovens indígenas, vivem situações difíceis, às vezes até dentro de suas culturas, e correm o risco de serem oprimidos e excluídos. Em outros contextos, encontramos, em vez disso, jovens econômica e socialmente ricos que vivem, no entanto, uma crescente insatisfação pessoal, causada por muitos fatores, entre os quais emergem a desintegração das famílias e a falta de adultos significativos. Em geral, os jovens do mundo vivem excluídos dos circuitos de tomada de decisões do mundo adulto, que não os envolvem e decide sobre eles sem eles. Muitas vezes, os próprios jovens dizem que, como salesianos, nós não conhecemos o mundo deles e nos convidam a uma maior abertura: «Às vezes, fogem de nós jovens, não nos entendem e pensam já saber tudo».

Tratando das pobreza juvenis, na *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco declara: «desejo afirmar, com mágoa, que a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. A imensa maioria dos pobres possui uma especial abertura à fé; tem necessidade de Deus e não podemos deixar de lhe oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta dum caminho de crescimento e amadurecimento na fé. A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária» (n. 200). Olhemos para este cenário mundial sentindo-nos profundamente interpelados pelas palavras do Evangelho: «Viu uma grande multidão e encheu-se de compaixão por eles, porque eram como ovelhas que não têm pastor» (Mc 6,34).

#### 2. **Aspectos da cultura juvenil**

O ambiente digital caracteriza o mundo contemporâneo e já constitui para muitos jovens um habitat natural, que modifica a maneira de chegar ao conhecimento, instaurar relacionamentos e perceber a realidade. Para nós, salesianos, é uma nova terra missionária. *Web e redes sociais* são uma realidade com dupla face: lugar de encontro e

comunicação, mas também de solidão e manipulação. Eles pedem um pacto educativo global, como disse o Papa Francisco.

A sensibilidade às questões ecológicas e à sustentabilidade ambiental é forte e generalizada. Nesse contexto, como em outras questões sociais (justiça, solidariedade, cidadania ativa), os jovens geralmente se mostram capazes de se comprometer. Ao lado dos jovens que estão decepcionados ou desinteressados, há outros que estão muito disponíveis ao serviço e ao voluntariado.

Outra característica emergente da cultura juvenil diz respeito à área do corpo, da afetividade e da sexualidade. As transformações da cultura afetiva colocam novas questões nos níveis antropológico, ético e educativo, que não podemos subestimar. Os jovens são particularmente sensíveis ao papel das mulheres na Igreja e na sociedade.

### **3. Os jovens e a fé**

A relação dos jovens com a religião é profundamente influenciada pelo contexto cultural, social e religioso. Em alguns países, a fé cristã é uma experiência vital compartilhada, que os jovens assumem com facilidade desde a infância. Em outros contextos, a indiferença religiosa e a secularização levam à perda de significado e relevância da fé. O efeito negativo dos escândalos também aumenta a distância entre os jovens e a Igreja, dificultando um anúncio credível. Nessas regiões, muitos educadores experimentam uma desorientação considerável e não se sentem preparados para enfrentar desafios inéditos para a transmissão da fé. Não devem ser esquecidas as regiões onde os jovens cristãos são uma pequena minoria, às vezes discriminadas ou perseguidas. De qualquer forma, o contato com os jovens mostra que, em geral, são vivos, embora nem sempre evidentes, a busca do sentido da vida e o interesse pela espiritualidade, e a isso nem sempre sabemos responder. Sobre essa situação escreve um capítulo inspetorial: «Os jovens em busca de Deus com frequência não encontram espaços e pessoas capazes de guiá-los nessa experiência».

### **4. As expectativas dos jovens**

Os jovens manifestam de várias maneiras o desejo de terem adultos significativos, que não os explorem ou excluam de fato da vida e da sociedade em suas diversas articulações (política, religiosa, etc.). Eles pedem a nós salesianos para voltarmos a viver mais com eles; a encontrá-los onde estão (pátio, mundo digital etc.); a deixá-los entrar em nossas casas e em nossos assuntos.

Os jovens querem que os salesianos sejam mais guias espirituais e menos gestores de obras e os ajudem com sabedoria a responder às questões mais profundas que carregam em seus corações: «Também os jovens de hoje nos dizem de muitas maneiras: “Queremos ver Jesus” (Jo 12, 21), manifestando assim aquela sã inquietação que caracteriza o coração de cada ser humano: “A inquietação da investigação espiritual, a inquietação do encontro com Deus, a inquietação do amor”» (*Documento final do Sínodo*, n. 50)

Eles querem que sejamos íntimos e acolhedores, abertos e sem preconceitos, prontos a estabelecer relações autênticas de amizade e capazes de irradiar alegria e otimismo. Nesse sentido, torna-se particularmente importante a dimensão da coerência e do testemunho pessoal e comunitário de vida.

### **5. O acompanhamento e o envolvimento dos jovens**

Há salesianos dedicados ao acompanhamento, embora muitas energias sejam absorvidas por compromissos de natureza administrativa que os distanciam do contato cotidiano com os jovens. Os jovens de uma Inspeção, enquanto apreciam a generosidade de tantos irmãos, escrevem: «A primeira preocupação surge ao vê-los sempre ocupados demais. Administrar um oratório ou uma escola é difícil e sempre há muitas coisas a fazer, estamos plenamente conscientes disso. No entanto, todos esses compromissos acabam desviando a atenção do acompanhamento pessoal, fundamental para o crescimento dos jovens».



Vários irmãos reconhecem que não estão preparados para o acompanhamento espiritual e o discernimento vocacional, que exigem tanto a atenção à sua vida espiritual quanto a aquisição de capacidades específicas. Outras razões para dificuldades em muitas Inspetorias vêm do declínio numérico dos salesianos e da distância entre as gerações.

Em nossas obras, fazem-se muitas atividades “para” os jovens, mas nem sempre “com” os jovens. No entanto, de muitas maneiras, eles nos dizem que querem ser protagonistas e não apenas destinatários nos espaços de animação, na reflexão e no discernimento, e nos processos de tomada de decisões que lhes dizem respeito direta ou indiretamente. Por essas razões, o nosso trabalho pastoral às vezes não é realmente significativo, porque com frequência não gera processos, reduzindo-se à realização de atividades e eventos.

## **6. A presença e o envolvimento das famílias**

As profundas transformações que afetam as famílias e a atenção renovada da Igreja pela sua contribuição à educação e transmissão da fé também nos envolvem. Por um lado, a família está passando por um momento de crise que tem um impacto decisivo no mundo das crianças e dos jovens; por outro, continua a ser um ponto de referência essencial no crescimento. Ao lado de famílias sensíveis que trabalham conosco, encontramos outras pessoas que vivem em situações difíceis e pedem a nossa ajuda; em alguns contextos, há também famílias que se desinteressam da educação dos filhos e os negligenciam. A presença de famílias feridas e o questionamento sobre a própria instituição familiar nos desafiam, colocando questões às quais nem sempre estamos preparados para responder. A comunidade educativo-pastoral constitui o contexto em que podemos viver nosso relacionamento com as famílias e o seu envolvimento; mas isso requer a renovação da mentalidade e das atitudes e o repensamento dos projetos educativos-pastorais.

**Que ressonâncias pessoais suscitou em nós a leitura atenta do texto?**

**Em que elementos desta síntese reconhecemo-nos mais? Quais deveriam ser mais evidenciados e quais integrados?**

**Que diferenças parecem relevantes em nível regional?**

## **INTERPRETAR**

*Neste passo do discernimento, somos chamados a compreender as razões profundas do que reconhecemos e os critérios inspiradores para chegar a opções oportunas. Encontramos em cada parágrafo, uma série de perguntas que nos acompanham para entrar no cerne do tema.*

*Sejamos inspirados, sobretudo, pelas passagens do Evangelho em que Jesus encontra os jovens e pelas passagens das Memórias do Oratório, em que Dom Bosco, ao iniciar a sua obra, identifica as prioridades da missão.*

## **7. Espírito apostólico e testemunho comunitário**

As transformações sociais e culturais em que estamos imersos afetam profundamente nossas vidas e nossa missão. Quando não são interpretadas com espírito profético, acabam sendo suportadas como obstáculos que atrasam a missão e condicionamentos que tornam opaco o testemunho. Isso pode resultar no enfraquecimento do espírito apostólico e em isolamento no privado, em que não se pode perturbar: é a superficialidade espiritual e apostólica de que muitos Reitores-Mores nos advertiram. Os irmãos de uma Inspetoria reconhecem: «A ênfase nas zonas pessoais de conforto e nas mídias sociais modernas faz com que os salesianos se isolem em si mesmos». A leitura profética do próprio tempo, por outro lado, leva a assumir as transformações como desafios que requerem renovação espiritual e criatividade pastoral.

**ESPÍRITO APOSTÓLICO.** Por que às vezes temos dificuldade para ler as transformações socioculturais com espírito profético e nos curvamos numa pastoral de manutenção e conservação? Sabemos como responder aos jovens que procuram uma experiência autêntica de fé e pedem propostas espirituais de qualidade? Como abordamos os jovens que nada pedem à Igreja? Como enfrentar o desafio da indiferença religiosa?

**TESTEMUNHO COMUNITÁRIO.** Quais são as razões que nos levam a viver em “zonas pessoais de conforto”, que criam dependência, fechamento, compensação e sufocam a inquietude saudável do *Da mihi animas*? Que mudanças são necessárias em nosso estilo de vida e na forma da comunidade religiosa para não ceder à superficialidade espiritual e apostólica? Que mentalidades converter para que nossas obras não sejam apenas agências de serviços, mas verdadeiras casas para os jovens, onde se respira fraternidade e estilo de família?

## **8. Acompanhamento e envolvimento dos jovens**

O recente Sínodo sobre os jovens identificou no acompanhamento e no envolvimento deles dois eixos fundamentais da missão da Igreja e convidou a desenvolvê-los em chave vocacional: «toda a pastoral pode encontrar um princípio unificador apenas na dimensão vocacional, porque nesta encontra a sua origem e realização» (*Documento final do Sínodo*, n. 139). Muitos capítulos inspetoriais confirmaram que são dois elementos vitais para o carisma salesiano.

Quando falamos de acompanhamento, queremos dizer que não só organizamos atividades e administramos estruturas para os jovens, mas compartilhamos realmente a sua vida quotidiana. Ao estabelecer laços pessoais, ajudamo-los a crescer de maneira integral, a enfrentar suas fragilidades, a curar suas feridas e a caminhar pelo caminho da santidade. Um capítulo inspetorial, por sua vez, reconhece: «A falta de acompanhamento por parte dos salesianos se deve aos muitos compromissos, à pouca consistência numérica das comunidades, ao desinteresse geracional, às vezes, à falta de preparo adequado e de uma mentalidade que não reconhece a sua importância». Também é preciso reiterar a importância da promoção vocacional para o desenvolvimento do carisma salesiano.

O termo envolvimento, depois, lembra que não consideramos os jovens apenas destinatários de nossos projetos e atividades, mas queremos fazê-los participar e compartilhar responsabilidades na missão salesiana, promovendo seu papel de liderança na Igreja e na sociedade. Eles nos pedem um estilo de Igreja mais participativo e corresponsável.

**ACOMPANHAMENTO DOS JOVENS.** Por que temos dificuldade para assumir o acompanhamento dos jovens em chave vocacional como verdadeira prioridade para a missão? Como fazê-lo ser o eixo de nossas propostas e o elemento sobre o qual analisar as nossas obras? Quais são as implicações que comporta no plano organizativo e estrutural? Como integrar de maneira equilibrada o acompanhamento do ambiente, do grupo e o pessoal? Como tornar o acompanhamento transparente, para não cair em formas de paternalismo, manipulação, possessividade e abuso? Como a tradição salesiana de bondade (amorevolezza) pode ser valorizada como recurso para incentivar a “pedagogia da ternura”?

**ENVOLVIMENTO DOS JOVENS.** Por que razões os jovens geralmente sentem que são meros destinatários, mas não protagonistas, em nossos ambientes? Que mudanças de mentalidade e de organização são necessárias para a participação dos jovens ser real e eficaz? Conhecemos boas práticas para envolver os jovens? Como preparamos os jovens para serem sujeitos ativos e testemunhas coerentes na Igreja

**e na sociedade? Que elementos da espiritualidade juvenil salesiana somos chamados a repensar e aprofundar, não sem a ajuda dos jovens?**

### **9. Atenção à família e educação afetiva**

Emerge claramente a necessidade de se concentrar no envolvimento efetivo das famílias na pastoral e na comunidade educativo-pastoral. Para tanto, é necessário encontrar os caminhos para conhecer o ambiente familiar dos jovens, sabendo que as famílias precisam inserir-se numa rede comunitária de relacionamentos e têm uma contribuição insubstituível a oferecer à vida da Igreja e da sociedade: *Amoris laetitia* nos lembra que é «precisamente a família que introduz a fraternidade no mundo!» (n. 194). Há também a necessidade, neste momento histórico, de apoiar a fragilidade de muitas famílias através de caminhos específicos de acompanhamento, com vistas à criação dos filhos. Isso requer que nos ativemos para adquirir novas competências.

A especificidade da contribuição que somos chamados a oferecer à Igreja na atenção às famílias consiste em aproximar-nos delas através do nosso carisma educativo, com a ajuda das famílias que fizeram sua missão salesiana. Isso acontece com o envolvimento na vida da obra salesiana, a formação dos pais, a pertença a grupos familiares inspirados no carisma salesiano, a formação de jovens para o matrimônio e o acompanhamento dos jovens casais. Nesse contexto, também deve ser abordada a delicada questão da educação afetiva e sexual, que constitui um elemento de importância primordial no contexto atual e requer propostas muito precisas.

**ATENÇÃO À FAMÍLIA. Como podemos desenvolver mais a relação entre pastoral da juventude e família? Que experiências adquiridas nestes anos parecem mais promissoras? Como podemos envolver mais as famílias da comunidade educativo-pastoral para serem participantes do projeto educativo e protagonistas? Como acompanhar os pais em sua tarefa de educadores? Como favorecer o surgimento de grupos familiares inspirados no carisma salesiano e promover o seu espírito apostólico?**

**EDUCAÇÃO AFETIVA. Como podemos integrar em nossa pastoral a atenção à dimensão do corpo, da afetividade e da sexualidade? Como podemos desenvolver propostas de educação afetiva e sexual em estilo salesiano, que não se limitem a intervenções esporádicas e ocasionais? Como criar um ambiente rico em relacionamentos capazes de educar amizades e afetos?**

## **ESCOLHER**

### **10. Síntese da primeira fase do discernimento**

*Apresentamos em seguida as propostas que foram mais compartilhadas na primeira fase do discernimento, realizada nos Capítulos inspetoriais. Mantemos a formulação original, mesmo que o elenco possa não ser homogêneo.*

*Espírito apostólico e testemunho comunitário*

- a) O dicastério para a PJ acolhe a orientação do Sínodo, que apresenta a vocação como «o fulcro em volta do qual se integram todas as dimensões da pessoa» (*Documento final do Sínodo*, 139) e oferece orientações para uma pastoral juvenil «em chave vocacional» (cf. *Documento final do Sínodo*, n. 138-143).
- b) As Regiões e Inspetorias verificam o quanto a organização da pastoral responde a critérios de manutenção e conservação ou se caracterize por um verdadeiro impulso missionário (cf. *Evangelii gaudium*, n. 27).

- c) As Inspetorias e comunidades examinam o próprio estilo de vida, para reconhecer os sinais de retrocesso e fechamento, que geram distanciamento dos jovens.

#### *Acompanhamento e envolvimento dos jovens*

- d) As Regiões e Inspetorias elaboram itinerários de formação para salesianos e leigos sobre o acompanhamento pessoal e do ambiente em estilo salesiano.
- e) Os dicastérios da formação e para a pastoral juvenil oferecem orientações oportunas para incrementar na Congregação a cultura do acompanhamento educativo e espiritual.
- f) As Inspetorias e comunidades reveem o projeto educativo-pastoral salesiano segundo a centralidade do acompanhamento.
- g) As Inspetorias e comunidades envolvem em maior medida os jovens na programação, animação e revisão das atividades pastorais, levando em conta o amadurecimento de cada um.
- h) As Inspetorias e comunidades propõem experiências de partilha de vida aos jovens, assumindo a proposta formulada pelo Sínodo de um «tempo destinado ao amadurecimento da vida cristã adulta» a ser vivido em nossas Casas através de um projeto concreto de participação de vida, fraternidade, apostolado e espiritualidade (cf. *Documento final do Sínodo*, n. 161).
- i) As Inspetorias e comunidades, em sintonia com o *Quadro referencial da Pastoral Juvenil Salesiana*, tornam efetiva a presença e a participação dos jovens nos espaços de discernimento e de decisões da obra.
- j) As Inspetorias formam salesianos e jovens no uso de modo adequado das novas tecnologias, a fim de serem uma oportunidade para o crescimento no conhecimento e um contexto para envolver os jovens em iniciativas e atividades pastorais.
- k) No redesenho das presenças, as Inspetorias preveem casas que possam acolher as crianças e os jovens migrantes oferecendo-lhes oportunidades de estudo, formação profissional e inserção no mundo do trabalho

#### *Atenção à família e educação afetiva*

- l) O dicastério para a Pastoral Juvenil indica os critérios da nossa ação com as famílias.
- m) As Inspetorias e comunidades promovem grupos familiares inspirados na espiritualidade salesiana e favorecem o seu protagonismo apostólico.
- n) As Inspetorias e as comunidades acompanham a formação das famílias e o seu envolvimento ativo na comunidade educativo-pastoral.
- o) As Inspetorias promovem convocações periódicas das famílias.
- p) O dicastério para a Pastoral Juvenil elabora propostas adequadas de educação afetiva e sexual, que não se limitem a intervenções esporádicas e ocasionais.
- q) Os dicastérios para a Pastoral Juvenil e da Formação cuidam da formação de salesianos e leigos para que saibam acompanhar os jovens na educação afetiva e sexual.

### **11. Segunda fase do discernimento**

*Após ter uma visão das propostas dos capítulos inspetoriais, o Capítulo Geral é chamado agora a individualizar as grandes opções para o próximo sexênio.*

**Que opções prioritárias podemos fazer realisticamente para enfrentar os desafios surgidos em nível de Congregação, de Regiões, de Inspetorias?**

Para que as opções sejam feitas em Deus, é necessário que, como Dom Bosco, nos deixemos guiar pelo Espírito. Isto requer uma atitude interior de silêncio, escuta, oração, partilha fraterna e respeito mútuo. Diante de Deus e das expectativas dos jovens, ousamos

identificar o bem a fazer: «No que é de vantagem da juventude periclitante ou serve para ganhar almas para Deus, eu me avanço até à temeridade» (Const. 19).

Para levar a bom termo este processo, é também necessária uma metodologia adequada, que deveria prever, ao menos:

- a) um momento inspirador de leitura bíblica ou salesiana
- b) uma primeira partilha de propostas
- c) um tempo pessoal de silêncio e oração
- d) a individuação das prioridades, que emergirão normalmente da convergência dos pontos de vista (cf. Cost. 66)
- e) a articulação detalhada das prioridades individuadas

Enfim, é relevante recordar que qualquer opção de um Capítulo Geral tem muitas consequências. Requer explicitar particularmente:

- a) que atitudes e mentalidades converter
- b) que processos ativar
- c) que condições estruturais garantir
- d) que responsabilidades confiar
- e) que sujeitos envolver

Esta complexidade sugere não multiplicar as opções, mas individuar as verdadeiras prioridades e articular as propostas com realismo e prudência.

## SEGUNDO NÚCLEO

# PERFIL DO SALESIANO HOJE

*Neste segundo núcleo são apresentados os elementos, fruto da reflexão dos capítulos inspetoriais e da contribuição dos irmãos, em que destacamos a consciência de que o “perfil do salesiano” é dado por uma vocação consagrada à qual ele deve responder dia a dia, em vista de uma missão realizada comunitariamente. Tudo isso requer formação adequada e contínua (cf. ACG 427, 18).*

*Não se encontram aqui todos os elementos relativos à nossa formação, mas apenas as prioridades que emergiram com particular insistência na fase de preparação para o CG 28.*

## RECONHECER

### **12. Formação e espírito salesiano**

O CG27 indicou com força o perfil do salesiano como místico no espírito, profeta da fraternidade e servo dos jovens, promovendo uma renovada consciência da nossa identidade.

O interesse por Dom Bosco, pela sua espiritualidade e pelo seu sistema educativo está muito vivo entre os irmãos e muitas vezes também entre os leigos que participam da missão. Muitas comunidades expressaram a necessidade de aprofundar a santidade de Dom Bosco, evidenciando mais a sua experiência original de Deus e a graça da unidade que caracteriza o nosso carisma. Um capítulo inspetorial afirma que: «Falta profundidade na leitura e na interpretação teológico-espiritual do carisma». Às vezes, o conhecimento da história, da pedagogia e da espiritualidade de Dom Bosco ainda é anedótico e tem-se dificuldade para qualificar irmãos que sejam especializados em salesianidade. Às vezes, há pouca familiaridade com as fontes salesianas e com as Constituições.

A inculturação do carisma em alguns contextos ainda está em seus inícios e continua a ser um desafio em aberto. O fato de não se ter à disposição as principais fontes salesianas traduzidas para os idiomas locais aumenta essa dificuldade.

Alguns irmãos não têm percepção clara da identidade consagrada salesiana e demonstram uma inclinação ao clericalismo ou a um estilo de vida secularizado. Casos não isolados de irmãos que pedem para entrar no clero diocesano colocam questionamentos sobre a aceitação da identidade carismática salesiana.

### **13. Formação e realidade**

«A realidade é mais importante do que a ideia» (*Evangelii gaudium*, n. 231-233). Reconhecemos que nos processos formativos esse princípio deve ser mais bem incorporado, porque às vezes algumas estruturas formativas correm o risco de estar isoladas em relação à realidade social, econômica e política de um povo.

O itinerário de formação é geralmente considerado bom. Em alguns contextos, o “estilo colegial” da formação inicial, além de não valorizar o itinerário anterior dos candidatos e a personalização dos itinerários de formação, corre o risco de favorecer uma atitude imatura distanciando da vida cotidiana das comunidades e das famílias. As equipes das comunidades formadoras são algumas vezes numericamente frágeis. Além da preparação acadêmica, os formadores nem sempre adquiriram experiências pastorais significativas que possam dar profundidade à sua ação formadora. As mesmas experiências pastorais às vezes não são muito significativas e são propostas de forma individual mais do que comunitária. Outras vezes, percebe-se certo distanciamento entre os estudos e a prática

pastoral. O risco é ter uma formação inicial em desacordo com a realidade, espiritualmente formal, que não prepara para a vida e o trabalho nas comunidades educativo-pastorais. Nota-se que em alguns irmãos há uma “dedicação desordenada”: são muito generosos e empreendedores, mas não disciplinados na administração do tempo, no cuidado da própria saúde e no ordenamento da missão. Neste momento, não estamos adequadamente preparados para acompanhar os tempos de dificuldade e crise dos salesianos (esgotamento-*burnout*, ancianidade, solidão, superficialidade espiritual, aburguesamento).

#### **14. Formação e missão**

A relação recíproca entre formação e missão é bem identificada por um grupo de jovens irmãos: «A missão é o ‘porquê’ da formação: formamo-nos tendo em vista a missão e no seu interior. É urgente dar qualidade à missão e, conseqüentemente, dar maior atenção à qualidade da formação». Ao mesmo tempo, a missão supõe um caminho de amadurecimento vocacional, que não se reduz à mera aquisição de competências teóricas e operativas, mas toca profundamente a identidade da pessoa.

É uma prioridade do nosso carisma viver para e com os jovens mais pobres, abandonados e periclitantes. No entanto, há falta de sensibilidade e formação adequada para atuar com eles na missão, especialmente com grupos específicos (indígenas, migrantes, menores não acompanhados, jovens em dificuldade) e para acompanhar jovens adultos e famílias. A *missio ad gentes* é um elemento constitutivo do nosso carisma, destacado por muitas Inspetorias, o que requer treinamento específico. Por esse motivo, é necessário formar-se “na missão” a fim de formar-se “para a missão”.

Nota-se que, às vezes, há falta de equilíbrio entre trabalho, estudo e oração, bem como uma insuficiente abertura intercultural. Ao lado de exemplos esplêndidos, alguns irmãos perderam a dimensão formativa de suas vidas. Há uma queda de tensão na formação permanente, que leva a uma espécie de “aposentadoria mental” dos irmãos, que têm dificuldade para manter aceso o ardor da própria vocação. Um elemento importante da formação permanente “em missão” é o discernimento que ocorre nas reuniões da comunidade, no conselho local, no conselho da comunidade educativo-pastoral: nesses momentos, irmãos e leigos procuram decifrar os sinais dos tempos e dos desafios pastorais.

#### **15. Formação, comunidade salesiana e comunidade educativo-pastoral**

Reconhecemos que o sujeito da missão salesiana não é individual, mas comunitário: a comunidade educativo-pastoral é a experiência de Igreja que somos chamados a viver e realizar juntos. Isso tem implicações e conseqüências claras no plano formativo: somos formados para trabalhar juntos e encontramos no entrelaçamento das diversas vocações o contexto de nossa especificidade.

De várias maneiras, o individualismo entra na vida da comunidade salesiana: às vezes os irmãos não conseguem apreciar o sucesso alheio, renunciam a trabalhar juntos, preferindo trabalhos individuais, enquanto a murmuração destrói o clima de confiança e de família. A qualidade da vida fraterna é um importante fator formativo, em que vários elementos entram em cena: o testemunho de vida, a partilha da Palavra de Deus, a troca de experiências. Por isso, perguntamos qual é a relevância e a eficácia dos exercícios espirituais, retiros mensais, assembleias comunitárias e outras propostas. A vida comunitária dá apoio, inspira esperança, torna-se ocasião para a constante purificação e conversão; é também uma escola de muitas virtudes e atitudes, como paciência e misericórdia, sacrifício e humildade. No entanto, como afirma um capítulo inspetorial, «muitos salesianos veem as práticas comunitárias como gestos formais e não como momentos de reflexão e mudança. Os momentos comunitários de oração e formação são facilmente ignorados para se dedicar às atividades apostólicas mais urgentes e gratificantes».

No interior da comunidade educativo-pastoral, mais ampla e mais articulada, os irmãos às vezes têm dificuldade para encontrar a sua identidade e o seu papel específico. Quando,

por outro lado, expressam plenamente a sua especificidade de consagrados e de evangelizadores dos jovens, são valorizados e desejados não apenas pelos jovens, mas também pelos leigos corresponsáveis. Estes pedem a presença qualificada dos salesianos como profetas e testemunhas de comunhão e de fidelidade ao carisma.

Tudo isso nos convida a desenvolver plenamente as virtudes relacionais e colaborativas. Estamos cientes de que o déficit deles no trabalho pastoral e na animação comunitária cria grandes dificuldades para a realização da missão salesiana.

## **16. Formação e estudo**

Diversas Inspetorias advertiram entre os irmãos uma insuficiente cultura de estudo e reflexão. Um capítulo inspetorial afirma que «lemos muito pouco enquanto gastamos muito tempo nas mídias sociais». Basta olhar para a situação da biblioteca de algumas comunidades para tomar consciência disso.

Não apenas os jovens, mas também os adultos sofrem a influência generalizada da cultura digital, que privilegia a imagem sobre a palavra, o impacto emocional em relação à argumentação, a rápida circulação das notícias com a lenta sedimentação do conhecimento. Isso corre o risco de gerar superficialidade, nutrir a preguiça intelectual e enfraquecer o senso crítico. Mas o digital também oferece oportunidades de formação que aguardam uma maior valorização.

As propostas de atualização teológica e pedagógica promovidas em vários níveis não são adequadamente valorizadas. Por fim, nota-se a dificuldade de parar para refletir sobre a praxe educativo-pastoral, a fim de traduzir a experiência e o trabalho numa ocasião de formação. Frequentemente, faltam aprofundamento pastoral e pedagógico para o planejamento e a revisão das atividades.

## **17. Modelo organizativo e governo da formação**

A formação é uma dimensão transversal de toda a vida salesiana e é atuada através de um processo articulado de amadurecimento. Por isso, ela envolve, desde as primeiras fases, diferentes sujeitos e múltiplos níveis de responsabilidade. A história da Congregação conheceu vários modelos de acompanhamento no itinerário de formação dos irmãos, mas os Reitores-Mores sempre recordaram que «a formação é tarefa da Congregação, que confia às Inspetorias o dever de realizá-la, garantindo as condições de pessoal, estruturas, recursos que a tornam possível» (ACG 416, p. 8).

A criação de equipes formativas de qualidade suficientemente estáveis continua sendo um desafio em aberto: nem sempre é fácil qualificar e enviar irmãos preparados para as casas de formação e os centros de estudo. Fica assim empobrecida a qualidade cultural da Congregação e, portanto, a sua capacidade de enfrentar os desafios do nosso tempo de forma adequada e convincente.

Diante da complexidade da nossa estrutura formativa, um capítulo inspetorial observa: «Percebe-se que nosso sistema formativo parece congestionado com muitas referências institucionais, cujos níveis de responsabilidade não são claramente definidos, e com um quadro de referência que nem sempre expressa orientações claras. Pede-se, pois, que o Capítulo Geral seja instado a enfrentar esse tema complexo com coragem, descrevendo melhor as tarefas do Dicastério para a formação e do Conselheiro, as estruturas de coordenação e os papéis de responsabilidade».

**Que ressonâncias pessoais suscitou em nós a leitura atenta do texto?**

**Em que elementos desta síntese, reconhecemo-nos de forma mais acentuada? Quais deveriam ser mais evidenciados e quais integrados?**

**Que diferenças em nível regional parecem mais relevantes?**



## INTERPRETAR

*Neste passo do discernimento, somos chamados a entender as razões profundas do que reconhecemos e os critérios inspiradores para chegar a opções adequadas. Em cada parágrafo, encontramos uma série de perguntas que nos levam a entrar no coração do tema.*

*Deixemo-nos inspirar, sobretudo, pelas histórias vocacionais dos grandes personagens bíblicos e pelos sonhos de Dom Bosco, nos quais emergem o perfil do salesiano e as exigências da sequela.*

### **18. Identidade consagrada e formação para o carisma**

A vida consagrada foi convidada pelo Concílio Vaticano II a um profundo processo de renovação, iniciado, mas que ainda não encontrou resultados satisfatórios. Na comunidade eclesial, o significado de consagração nem sempre é entendido e aceito em sua originalidade. O sentido da nossa vida religiosa parece desfocado no coração de alguns irmãos. Enquanto o Papa Francisco recorda a natureza profética e escatológica da vida consagrada, pedindo aos religiosos para “despertarem o mundo”, às vezes, o clericalismo e o secularismo, tentam ofuscar a nossa identidade. Na vida consagrada, o clericalismo surge quando o ministério ordenado não é assumido no interior da consagração, mas o substitui, desvirtuando-se como busca de poder, prestígio, autoafirmação, e não como sinal sacramental de Cristo, pastor e servo. O secularismo surge de um esvaziamento identitário que não reconhece as peculiaridades da *sequela Christi* de acordo com os conselhos evangélicos, cedendo ao compromisso com as lógicas mundanas. Maria, que guiou Dom Bosco na fundação da Congregação, continua a ser um ponto de referência essencial para entender e viver plenamente a nossa vocação consagrada.

Muitos jovens buscam nos salesianos homens de Deus. «O salesiano que sonhamos é um salesiano que saiba testemunhar, com coragem e coerência, a sua consagração, a sua pertença a Cristo e o seu amor à oração», escreveram os jovens de uma Inspeção.

Se o significado autêntico da consagração apostólica não for adequadamente proposto e assumido, os processos formativos tornam-se genéricos e, portanto, têm dificuldade para alcançar em profundidade o coração do irmão. De fato, o carisma é o núcleo apaixonado ao redor do qual reunir as diversas dimensões do itinerário formativo e a graça que permite a cada irmão unificar a sua própria existência. Se isso não acontecer, a formação é reduzida à aceitação formalista de atitudes exteriores, que não fazem a pessoa amadurecer em profundidade.

**IDENTIDADE CONSAGRADA.** Por que razões o clericalismo e o secularismo afetam a identidade de alguns irmãos? Como lidar com essas duas ameaças? Nossa consciência sobre a especificidade da vida consagrada está viva em nossas Inspeções? Como o significado profético e escatológico do nosso testemunho é expresso na comunidade e no nível pessoal?

**FORMAÇÃO PARA O CARISMA.** Por que razões a formação nem sempre atinge o coração e a consciência dos irmãos? Como evitar o formalismo e o conformismo? Em que condições o carisma é realmente assumido como núcleo do processo de crescimento vocacional?

### **19. A relação entre missão e formação e o discernimento em chave salesiana**

Um dos pontos decisivos do Capítulo Geral está no esclarecimento da correta relação entre missão e formação. O Papa Francisco pede urgentemente uma verdadeira conversão missionária da Igreja em todos os níveis: também a formação é tocada por esse processo necessário e irreversível.

Ao identificar a realidade como uma verdadeira e própria “cátedra”, torna-se claro que a formação ocorre na missão, nos lugares em que há não só mestres de espírito, mas também vida pastoral, que ajudam a avaliar a autenticidade da vocação salesiana. É a missão, especialmente entre os últimos, que dá o tom concreto a toda a nossa vida e, portanto, também à formação. Os próprios jovens, enquanto «“lugares teológicos” onde o Senhor nos dá a conhecer algumas das suas expectativas e desafios para construir o futuro» (*Documento final do Sínodo*, n. 64), ajudam-nos – com a sua presença, a sua palavra e também a sua crítica – a formar-nos e reformar-nos para a missão. Por isso, é necessária uma séria revisitação de tempos, conteúdos, lugares e estruturas para que a formação aconteça em estreito contato com a realidade.

Não basta, porém, frequentar a realidade: é preciso fazê-lo da maneira correta, isto é, com o coração e os olhos de Deus, pedindo o dom da “graça de unidade” e esforçando-nos para cultivar a “interioridade apostólica”. Para tanto, é preciso entrar no ritmo do “discernimento pastoral” capaz de identificar com precisão o chamado de Deus e responder a ele com ardor apostólico, certos de que a missão salesiana é uma participação autêntica na ação de Deus na história humana. Em nosso tempo, caracterizado por uma “mudança epocal” tão repentina quanto radical, aprender a discernir em chave salesiana é uma verdadeira urgência.

**RELAÇÃO ENTRE MISSÃO E FORMAÇÃO. Quais são as causas próximas e as raízes profundas de certa separação entre missão e formação que se respira na Congregação? O quanto a insistência do Papa Francisco na transformação missionária da Igreja é uma fonte de diálogo e confronto sério e profundo em nossas realidades formativas e pastorais? Como os jovens, especialmente os mais pobres e abandonados, são um “lugar teológico” para nós?**

**DISCERNIMENTO EM CHAVE SALESIANA. Como superar certo ativismo pastoral, que confunde a missão com o trabalho? Como motivar novamente os irmãos que perderam o ardor apostólico? De onde vem o esforço de refletir criticamente sobre a nossa ação pastoral para torná-la uma experiência formativa? Quais devem ser os elementos e o método do discernimento espiritual e pastoral “em chave salesiana”? Como habilitar os irmãos e comunidades educativo-pastorais a praticarem esse discernimento na vida ordinária?**

## **20. Sujeitos, processos e estruturas da formação**

A partir do grande número de sujeitos envolvidos na formação, tanto em nível de governo (central, regional, interinspetorial, inspetorial, local) quanto na animação (dicastério, delegados inspetoriais, curatorium, diretores, equipes de formação, guias espirituais, confessores, docentes) parece ser necessário promover uma maior organização na formação, a partir da busca das causas remotas e próximas de certa confusão que se percebe em vários níveis. Uma frutuosa corresponsabilidade requer a consciência clara das próprias responsabilidades: por esse motivo, será necessário assumir com convicção uma metodologia de trabalho atenta para ouvir e apreciar os diferentes níveis de animação e de governo.

É importante refletir sobre a relação entre estruturas e processos, porque permite entender como eles se influenciam reciprocamente. Em relação aos itinerários, lamenta-se certa fragmentação da nossa formação inicial, que normalmente ocorre em diversos contextos. Por outro lado, reconhece-se que o encontro com experiências diversas e possivelmente internacionais constitui um enriquecimento precioso. A comunicação entre as diversas fases formativas e a transmissão dos elementos necessários para um bom acompanhamento dos irmãos nem sempre são realizadas adequadamente.

As estruturas podem favorecer os processos formativos, mas, também, impedi-los. Elas exigem um investimento econômico e pessoal significativo, mas, por outro lado, contribuem

decisivamente para transmitir o carisma e salvaguardar a sua originalidade formativa. Nem sempre há a consciência de que os centros de estudo podem contribuir para a vida das Inspetorias como locais de reflexão pastoral e de animação cultural. Também valeria a pena refletir sobre o significado da Universidade Pontifícia Salesiana para a Congregação e para a Igreja.

**SUJEITOS DA FORMAÇÃO.** Quais as razões profundas para certa confusão que se percebe em relação aos sujeitos da formação? Como podemos ajudar a esclarecer as diferentes responsabilidades em nível formativo? Quais são os métodos mais adequados para garantir o aprimoramento de todos os envolvidos nos itinerários da formação?

**ITINERÁRIOS DA FORMAÇÃO.** Como evitar o excessivo fracionamento do itinerário formativo? Como favorecer nos irmãos a abertura intercultural? Como incentivar a comunicação entre as fases de formação para o melhor acompanhamento?

**ESTRUTURAS DA FORMAÇÃO.** Quais são os critérios e condições que garantem a eficácia educativa das casas de formação? Como as estruturas educativas podem contribuir para a vida das Inspetorias? O que a Congregação espera da UPS e dos centros de estudo?

## ESCOLHER

### 21. *Síntese da primeira fase do discernimento*

*A seguir, são apresentadas as propostas que, na primeira fase do discernimento, realizadas nos Capítulos Inspetoriais, foram mais amplamente compartilhadas. Mantemos a formulação original, mesmo que o elenco seja pouco homogêneo.*

*Identidade consagrada e formação para o carisma*

- a) O salesiano renova os compromissos assumidos com a profissão e indicados na Regra de vida, elaborando e revendo o seu projeto pessoal de vida e dando a própria contribuição para o projeto anual da comunidade salesiana.
- b) Cada Região e Inspetoria, com a mediação dos Centros regionais, prepare ou reveja o plano de formação em salesianidade, qualificando irmãos e leigos também com mestrados e doutorados na UPS e em outros centros de estudo.
- c) As Regiões e as Inspetorias valorizem as experiências nos lugares salesianos.
- d) Os irmãos sejam habilitados, nos itinerários formativos, a escutar a voz do Espírito e as suas inspirações como alma do discernimento e fonte de fecundidade pastoral.

*A relação entre missão e formação e o discernimento em chave salesiana*

- e) Para instituir equipes formadoras dê-se atenção especial à escolha de pessoas de comprovada experiência pastoral de modo que sejam também mestres de vida pastoral.
- f) Dê-se a possibilidade aos formadores de fazerem experiências missionárias nas periferias ou no setor da marginalização e dos jovens em situação de risco.
- g) Dê-se a possibilidade aos jovens salesianos de viverem experiências missionárias com os jovens pobres.
- h) As casas de formação, onde possível, sejam inseridas em contextos educativo-pastorais particularmente significativos para o carisma (indígenas, marginalização, missão...).
- i) Dê-se início a uma séria revisão dos tempos, conteúdos, lugares, estruturas, experiências dos estudantados para que a formação seja uma preparação concreta orientada à missão salesiana.
- j) Promova-se o trabalho em equipe em cada comunidade.

### *Sujeitos, processos e estruturas da formação*

- k) Os centros de formação permanente na Região ofereçam propostas qualificadas que correspondam às expectativas dos irmãos e dos leigos associados à nossa missão.
- l) Cada Inspeção elabora ou revê todos os anos o projeto formativo e estuda momentos significativos para a formação contínua e o crescimento espiritual e pastoral dos irmãos.
- m) A Inspeção revê as propostas para a formação permanente verificando a sua eficácia: o acompanhamento vocacional de todos os irmãos em todas as idades, retiros mensais, leitura de documentos propostos pela Igreja ou pela Congregação, cursos de exercícios espirituais, sessões de formação organizadas em nível local ou inspeção, etc.
- n) Cada Inspeção preveja itinerários de formação dirigidos a irmãos com encargos específicos. Por exemplo, diretores de comunidade, párocos, ecônomos, coordenadores locais de pastoral juvenil ou de comunicação social, encarregados de oratório ou centro juvenil, da casa de acolhida para jovens sem família...
- o) As comunidades das casas de formação específica sejam caracterizadas pela internacionalização e a interculturalidade.
- p) Reforce-se a identidade da comunidade salesiana mediante a elaboração e a revisão periódica do projeto da comunidade em espírito de sinodalidade.
- q) Cuide-se do testemunho evangélico na vida comunitária segundo os elementos formativos comunitários que caracterizam a nossa tradição e espiritualidade.
- r) Dê-se atenção à tendência à vida comunitária salesiana dos jovens irmãos em formação inicial com oportunas revisões.

## **22. Segunda fase do discernimento**

*Depois de conhecer as propostas dos capítulos inspeção, o Capítulo Geral é chamado, então, a individuar as grandes opções para o próximo sexênio.*

**Quais opções prioritárias podemos fazer realisticamente para enfrentar os desafios surgidos em nível de Congregação, de Região, de Inspeções?**

Para que as opções sejam feitas em Deus, é necessário que, como Dom Bosco, nos deixemos guiar pelo Espírito. Isto requer uma atitude interior de silêncio, escuta, oração, partilha fraterna e respeito mútuo. Diante de Deus e das expectativas dos jovens, ousamos individuar o bem a fazer: «No que é de vantagem da juventude periclitante ou serve para ganhar almas para Deus, eu me avanço até à temeridade» (cf. Const. 19).

Para realizar este processo, também é necessária uma metodologia adequada, que deve prever ao menos:

- a) um momento inspirador de leitura bíblica ou salesiana
- b) uma primeira partilha de propostas
- c) um tempo pessoal de silêncio e oração
- d) a individuação de prioridades, que normalmente emergirão da convergência dos pontos de vista (cf. Const. 66)
- e) a articulação detalhada das prioridades individuadas

É relevante, enfim, recordar que qualquer escolha de um Capítulo Geral tem muitas implicações. Requer esclarecer em especial:

- a) que atitudes e mentalidades converter
- b) que processos ativar
- c) que condições estruturais garantir
- d) que responsabilidades confiar
- e) que sujeitos envolver

Tal complexidade sugere não multiplicar as opções, mas individualizar as verdadeiras prioridades e articular as propostas com realismo e prudência.

## JUNTOS COM OS LEIGOS NA MISSÃO E NA FORMAÇÃO

*Neste terceiro núcleo, são reportados os elementos, fruto da reflexão dos capítulos inspetoriais e da contribuição dos irmãos, que reafirmam: «o tipo de salesiano exigido hoje pelos sinais dos tempos» é aquele que descobriu carismaticamente que «o único modo de realizar a missão salesiana na complexidade do mundo e na diversidade dos contextos das nossas presenças» é compartilhá-la com os leigos (cf. ACG 427, 26).*

*Nem todos os elementos sobre o relacionamento entre salesianos e leigos são encontrados aqui, mas apenas as prioridades que emergiram com particular insistência na fase de preparação da CG 28 em relação à missão e formação de salesianos e leigos.*

### RECONHECER

#### **23. Realizações e resistências na missão compartilhada com os leigos**

A situação da missão compartilhada com os leigos é variada na Congregação. Juntamente com experiências muito positivas e já consolidadas, há outras que estão dando seus primeiros passos e outras com dificuldades para iniciar. Em algumas Inspetorias, o envolvimento dos leigos foi motivado não tanto por uma visão de Igreja e de Congregação, mas pela necessidade de sobrevivência institucional. Igualmente, nas Inspetorias em que o número de vocações é consistente, a corresponsabilidade ainda é frágil.

Isso demonstra que a eclesiologia comunal do povo de Deus proposta pelo Vaticano II e acolhida pela Congregação, especialmente pelo Capítulo Geral 24, ainda não foi assimilada em profundidade. É por isso que o envolvimento dos leigos costuma limitar-se ao nível funcional; por outro lado, é necessário reconhecer a existência de diferentes níveis de pertença dos leigos ao nosso carisma.

Estão aumentando gradualmente a consciência do valor da missão compartilhada e a consciência de que as experiências positivas em andamento contribuem para a mudança de mentalidade. Por exemplo, há muitos jovens-adultos incluídos nas equipes inspetoriais de animação, bem como leigos preparados e responsáveis que compartilham plenamente a nossa missão e colaboram em níveis diferentes no desenvolvimento e realização dos nossos projetos educativo-pastorais. Há também experiências de colaboração em contextos inter-religiosos, que apresentam uma fisionomia específica.

Há resistência em ambos os lados: alguns irmãos têm mentalidade paternalista, demonstram pouca estima pelos leigos e têm dificuldade para compartilhar responsabilidades; entre os leigos, vemos a dificuldade de passar de uma presença funcional à participação no carisma e comprometer-se estavelmente, sendo corresponsável pela missão.

#### **24. Reciprocidade de relações entre salesianos e leigos**

As relações entre salesianos e leigos são normalmente inspiradas pela cordialidade, o respeito e a colaboração. Elas são positivas principalmente onde há identidade vocacional clara, proposta de formação orgânica e caminho compartilhado numa comunidade educativo-pastoral, enquanto pioram onde não há essas condições. Em geral, há certa dificuldade em estabelecer uma reciprocidade real. Um capítulo inspetorial afirma: «Se todas as decisões importantes são tomadas pelos salesianos e se os parceiros leigos da missão, por respeito aos salesianos como seus superiores, nunca podem expressar a sua

discordância, então o consenso real e a aceitação de responsabilidades na missão salesiana são evitados pelos leigos».

A relação com os leigos que trabalham em nossas obras também é influenciada pelas dinâmicas contratuais. Quando elas não são administradas adequadamente, prevalece a relação formal e às vezes conflituosa entre empregador e empregado. Nem sempre, da parte dos salesianos, se vê clareza de projeto e capacidade de aprimorar as várias competências. Isso cria distância e resistência também no nível relacional. Ao contrário, o bom funcionamento dos conselhos das comunidades educativo-pastorais e o bom planejamento dos projetos locais facilitam o envolvimento e a participação.

Diversas Inspetorias indicam o risco de uma colaboração que não considera a diversidade das vocações e dos carismas e leva, para além das intenções, a uma espécie de “clericalização dos leigos” e “laicização dos consagrados”. Neste caso, a colaboração cotidiana, em vez de fazer emergir a especificidade de cada uma, leva ao achatamento das identidades.

## **25. Formação conjunta de salesianos e leigos**

Amadureceram, nestes anos, iniciativas positivas para a formação conjunta de salesianos e leigos, como dias de estudo sobre a Estreia do Reitor-Mor, encontros periódicos de formação da comunidade educativo-pastoral, trabalho de elaboração e revisão do projeto anual. Algumas dessas propostas ocorrem em nível local, outras em nível inspetorial. Existem também alguns centros regionais na Congregação que promovem experiências de formação conjunta.

Em geral, observa-se que, embora no nível operativo, muitas responsabilidades tenham sido transferidas para os leigos, a participação na espiritualidade parece mais frágil. Falta uma formação mais sistemática, que vise integrar todos os aspectos da missão salesiana (espiritual, carismático, pedagógico, profissional). Ainda não desenvolvemos um projeto compartilhado que distinga os níveis de treinamento, conteúdos, destinatários e sujeitos.

Observa-se da parte de alguns irmãos certa resistência ao envolvimento na formação dos leigos e a dificuldade de abandonar uma atitude de suposta superioridade. Em alguns leigos, não há grande consciência da sua missão na Igreja e disposição para assumir as responsabilidades de formação que dela derivam.

Não se pode esquecer que, especialmente em alguns países, o apoio econômico é essencial para incentivar a participação dos leigos em iniciativas conjuntas de formação.

## **26. Obras com gestão laical sob a responsabilidade inspetorial**

Além dos trabalhos em que as responsabilidades são compartilhadas por uma comunidade salesiana e um grupo de leigos, que constituem a forma comum de realização da nossa missão educativa e pastoral, existem obras de *gestão laical sob a responsabilidade inspetorial*, em que a missão e a responsabilidade são confiadas diretamente a um grupo de leigos acompanhados pela Inspetoria (cf. CG24, 180-182; ACG 363, 297-298). Este acompanhamento ocorre de diversas formas.

A presença de obras de gestão laical sob a responsabilidade inspetorial é muito variada na Congregação. Em algumas Inspetorias, elas são numerosas e já há uma experiência de acompanhamento bastante consolidada; na maioria dos casos, porém, estamos no início dessa experiência ou, onde o número de irmãos nos permite preencher todas as posições de responsabilidade, ela está completamente ausente.

Em muitos casos, as Inspetorias fizeram um grande esforço de reflexão e criatividade para enfrentar o desafio de acompanhar esse tipo de trabalho. Em muitas delas, os leigos que assumiram responsabilidades têm boa formação salesiana e elevada competência profissional.

Embora reconhecendo aspectos positivos dessas experiências, também existem problemas de certo peso. Entre eles, destacam-se, por exemplo, a dificuldade dos

salesianos para garantir apoio sistemático, a dificuldade dos leigos para compor os compromissos exigidos por esses trabalhos com as necessidades da vida familiar, as dificuldades ligadas à substituição dos leigos, a ausência de critérios e instrumentos de controle, a necessidade de iniciar práticas de avaliação da administração, de encontrar uma estrutura jurídica adequada, de uma mudança na cultura educativa dos dois lados para melhor se prepararem para administrar essas novas realidades.

**Que ressonância pessoal provocou em nós a leitura atenta do texto?**

**Quais são os elementos desta síntese em que mais nos reconhecemos? Quais devem ser mais enfatizados e quais devem ser integrados?**

**Quais diferenças em nível regional parecem mais relevantes?**

## INTERPRETAR

*Neste passo do discernimento, somos chamados a entender as razões profundas do que reconhecemos e os critérios inspiradores para chegar a opções adequadas. Encontramos em cada parágrafo, uma série de perguntas que nos acompanham para entrar no cerne do tema.*

*Deixemo-nos inspirar, sobretudo, pelos textos dos Atos dos Apóstolos, que apresentam a Igreja nascente e a sua vivacidade missionária, a partir das grandes imagens paulinas sobre a Igreja e do magistério salesiano desenvolvido a partir do Capítulo Geral 24.*

### **27. Igreja sinodal para a missão e especificidade das vocações**

A nossa colaboração com os leigos tem o seu próprio fundamento teológico e pastoral na natureza comunal da Igreja, que hoje redescobre na “sinodalidade para a missão” um sinal dos tempos a assumir e aprofundar. A eclesiologia contemporânea mostra que as várias vocações eclesiais têm uma comum raiz batismal e são destinadas a contribuir para o crescimento do povo de Deus: «Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações» (*Evangelii gaudium*, n. 120).

Sobre a especificidade e complementaridade das vocações, encontramos uma formulação clara e eficaz em *Christifideles Laici*: «Na Igreja-Comunhão os estados de vida encontram-se de tal maneira interligados que são ordenados uns para os outros. Comum, direi mesmo único, é, sem dúvida, o seu significado profundo: o de constituir a modalidade segundo a qual se deve viver a igual dignidade cristã e a universal vocação à santidade na perfeição do amor. São modalidades, ao mesmo tempo, diferentes e complementares, de modo que cada uma delas tem uma sua fisionomia original e inconfundível e, simultaneamente, cada uma delas se relaciona com as outras e se põe ao seu serviço. O estado de vida laical tem na índole secular a sua especificidade e realiza um serviço eclesial ao testemunhar e ao lembrar, à sua maneira, aos sacerdotes, aos religiosos e às religiosas, o significado que as coisas terrenas e temporais têm no desígnio salvífico de Deus. Por sua vez, o sacerdócio ministerial representa a garantia permanente da presença sacramental de Cristo Redentor nos diversos tempos e lugares. O estado religioso testemunha a índole escatológica da Igreja, isto é, a sua tensão para o Reino de Deus, que é prefigurado e, de certo modo, antecipado e pregustado nos votos de castidade, pobreza e obediência» (n. 55).

Esta perspectiva indica que o carisma salesiano está completo ser o significado profundo da Família Salesiana: um vasto movimento apostólico para a salvação dos jovens. Se por parte dos salesianos emerge a tendência à autorreferência e por parte dos leigos o trabalho não expressa suficientemente a sua identidade vocacional, tal reciprocidade é fortemente



enfraquecida ou mesmo impedida. Esse empobrecimento enfraquece o testemunho e torna mais estéril a missão. É oportuno desenvolver uma reflexão também sobre os leigos que trabalham conosco e vivem distantes da Igreja ou pertencem a outras religiões.

**IGREJA SINODAL PARA A MISSÃO. Por que razões a recepção das diretrizes do GC24 ainda encontra resistência e lentidão? Como podemos redescobrir o significado da comum vocação batismal que nos torna, como membros do povo de Deus e além das diferenças específicas, protagonistas da missão de servos do Evangelho, com atenção especial aos pobres? Que contribuição a reflexão da Igreja sobre a sinodalidade pode oferecer ao tema “Salesianos e leigos”? Se a Família Salesiana quer ser um vasto movimento animado por diferentes vocações pelo mesmo carisma em favor da missão compartilhada entre os jovens, o que impede que esse recurso seja valorizado?**

**ESPECIFICIDADE DAS VOCAÇÕES. Como acompanhar os leigos na descoberta e no discernimento dos dons e carismas que o Espírito Santo lhes deu no batismo? Como ajudar os salesianos a entenderem a sua contribuição específica na relação com os leigos e na perspectiva de uma Igreja sinodal? Em que pontos devemos insistir para melhorar as relações entre salesianos e leigos sem eliminar as diferenças específicas ligadas à sua vocação? Como tornar novamente acessível a linguagem vocacional nos contextos fortemente secularizados?**

## **28. Gestão da obra, vida da comunidade e núcleo animador**

A gestão da obra salesiana e a vida da comunidade religiosa influenciam-se reciprocamente. Compartilhar responsabilidades com os leigos tem repercussões significativas em diversos aspectos de nossa vida; vice-versa, a vitalidade carismática da comunidade religiosa afeta significativamente o andamento da obra, as relações com os leigos e o clima da comunidade educativo-pastoral. O núcleo animador, formado por salesianos e leigos que compartilham de maneira mais substancial o espírito, a pedagogia e a missão, constitui a união estratégica para a vida ordinária da obra.

Se olharmos para o primeiro aspecto do tema, reconhecemos a necessidade de refletir sobre como o desenvolvimento da comunidade educativo-pastoral modificou o papel do diretor, sobre as questões colocadas por ele quanto à participação dos leigos no conselho local, quanto à relação entre conselho local e conselho da obra. A própria organização interna da comunidade religiosa conhece transformações e exige um decidido repensamento global, atento para envolver, tanto quanto possível, todos os irmãos, evitando que alguns permaneçam à margem. Por fim, é necessário considerar que a inserção dos leigos em papéis estáveis de responsabilidade institucional pode condicionar a transferência de alguns encargos relacionados à obediência religiosa.

Quanto ao segundo aspecto do tema, para que o envolvimento dos leigos atenda aos critérios de uma Igreja sinodal e não seja mero gesto de delegação, é necessária uma comunidade salesiana com intensa vitalidade carismática. A consistência quantitativa e qualitativa da comunidade, a mentalidade dos irmãos em relação aos leigos, o modo como o diretor exerce o seu papel e a capacidade de reflexão do conselho local têm importância fundamental para o andamento da obra e notável efeito no estilo das relações.

Em relação ao núcleo animador, a experiência confirma que a sua qualidade e a qualificação continuada garantem a harmonia entre as diversas exigências, a fecundidade da contribuição das diversas vocações e o testemunho eclesial de comunhão.

Ao refletir sobre este tema, é necessário levar em consideração alguns fatores determinantes: os diferentes níveis de pertença e participação no espírito e missão salesiana; os diferentes graus em que a corresponsabilidade é realizada; o tipo de obra; a natureza voluntária ou contratual da presença dos leigos.

**A OBRA SALESIANA. Como a corresponsabilidade com os leigos incide na nossa vida religiosa? Que enriquecimentos reconhecemos? Quais são os riscos a dar atenção? Existem elementos que precisam ser aprofundados e especificados? De que depende a ausência de alguns salesianos da missão compartilhada com os leigos? Até que ponto pessoas de outras religiões podem compartilhar a nossa missão?**

**A COMUNIDADE SALESIANA. Que critérios devem ser considerados para repensar e garantir a vida de oração e fraternidade da comunidade religiosa? Que condições devem ser garantidas na comunidade religiosa para que a corresponsabilidade com os leigos seja frutuosa e significativa? Quais são as principais diferenças relacionadas com o tipo de obra?**

**O NÚCLEO ANIMADOR. Quais critérios de composição e ritmos de trabalho são desejáveis para o bom desempenho do núcleo animador? O quanto foram acolhidas, sobre isso, as orientações e as indicações do “Quadro referencial da Pastoral Juvenil Salesiana” (cf. capítulo V, 1.3)?**

## **29. Formação conjunta para a missão**

O Capítulo Geral 24 afirma: «Somos chamados a partilhar na Família Salesiana, com todos os leigos, não somente o cumprimento material do trabalho quotidiano, mas em primeiro lugar, o espírito salesiano, para nos podermos tonar corresponsáveis pela missão nas nossas obras e para além de suas fronteiras» (CG24, 88). A participação no espírito salesiano e o crescimento na corresponsabilidade são possíveis somente se salesianos e leigos compartilharem alguns itinerários e experiências formativas orientados para a missão. Obviamente, não se trata de negligenciar os caminhos específicos da formação para a vida consagrada e o ministério ou aqueles através dos quais os leigos adquirem suas competências profissionais. Em vez disso, trata-se de promover itinerários diversificados pelos quais a comunidade educativo-pastoral realiza experiências de formação para responder aos desafios da missão.

A formação conjunta tem seus obstáculos, como afirma um capítulo inspetorial, quando «às vezes, os salesianos não conseguem ver que têm coisas a aprender dos leigos».

Por outro lado, nem sempre os leigos sabem que o batismo torna discípulos missionários e que o Espírito Santo derrama generosamente os seus dons em todos os crentes, para o crescimento do reino de Deus. A formação conjunta pode ajudar a entender e realizar melhor a missão, conscientizando de que ela não pertence a nenhuma categoria de crentes, mas a todo o povo de Deus, no entrelaçamento das vocações e carismas que a constituem. Justamente por isso o *Documento final do Sínodo* sobre os jovens evidenciou intensamente a necessidade da formação conjunta de leigos, consagrados e sacerdotes como instrumento para a verdadeira sinodalidade. Em relação à formação dos seminaristas e dos jovens consagrados, ele afirma corajosamente: «É importante manter os jovens e as jovens em formação em contato permanente com a vida quotidiana das famílias e das comunidades, prestando uma atenção particular à presença de figuras femininas e de casais cristãos, para que a formação se radique na realidade da vida e se distinga por um traço relacional capaz de interagir com o contexto social e cultural» (n. 164).

**FORMAÇÃO CONJUNTA PARA A MISSÃO. Quais são as raízes da resistência na formação conjunta entre salesianos e leigos? Em que condições a comunidade educativo-pastoral pode ser um local ou espaço para a formação conjunta? Com que critérios (conteúdos, destinatários, sujeitos, modalidades, estruturas) esta formação deveria ser pensada e atuada? Que referências institucionais em nível inspetorial e de Congregação deveria ter? Como pode ser proposta nas diversas fases da formação inicial?**

# ESCOLHER

**Quais opções podemos assumir realisticamente para enfrentar os desafios surgidos na fase de interpretação em nível de Congregação, de Regiões, de Inspetorias?**

## **30. Síntese da primeira fase do discernimento**

*Apresentamos em seguida as propostas que na primeira fase do discernimento, feita nos Capítulos inspetoriais, foram as mais compartilhadas. Mantemos a forma original, mesmo se o elenco possa ser pouco homogêneo.*

*Igreja sinodal para a missão e especificidade das vocações*

- a) Formar no salesiano consagrado, desde a formação inicial, a consciência da importância e da eficácia da participação e da corresponsabilidade na missão, mediante intervenções formativas específicas.
- b) Esclarecer no interior da comunidade educativo-pastoral os papéis dos salesianos e dos leigos, amadurecendo a mentalidade de corresponsabilidade e garantindo-se a formação comum
- c) O Inspetor e seu Conselho redijam um *Vade-mécum* inspetorial para as aceitações nos vários setores, dando atenção especial ao aspecto carismático.
- d) Os leigos com papéis de responsabilidade institucional sejam envolvidos no planejamento pastoral e na gestão econômica. Sejam carismaticamente fundamentados e profissionalmente preparados para acompanhar as casas não só do ponto de vista técnico, como também educativo-pastoral.
- e) Os leigos devem ser acompanhados no discernimento dos dons e carismas com que o Espírito Santo os abençoou e a utilizá-los para a missão salesiana.
- f) Os salesianos empenhem-se e atuem na Família Salesiana envolvendo os diversos grupos na missão.
- g) Ofereça-se aos jovens das nossas obras a possibilidade de viverem experiências de voluntariado missionário salesiano.

*Gestão da obra, da vida comunitária e do núcleo animador*

- h) Dar mais atenção ao fortalecimento da centralidade da comunidade educativo-pastoral, de acordo com as diretrizes do Quadro Referencial da Pastoral Juvenil Salesiana.
- i) Assegurar as condições de vitalidade carismática da comunidade, garantindo sua consistência quantitativa e qualitativa.
- j) Dar atenção ao processo de seleção dos leigos, segundo critérios de qualidade profissional, mas também de adesão aos princípios cristãos e à pedagogia salesiana.
- k) Garantir aos leigos uma justa remuneração financeira.
- l) Propõe-se um estudo em nível de Congregação para ter exemplos de “boas práticas”, tendo em vista a elaboração de algumas diretrizes e orientações concretas para a gestão compartilhada das obras.
- m) Favorecer a rotação dos leigos na gestão das obras.
- n) Estudar e estabelecer em nível inspetorial quais papéis de liderança devem ser confiados aos leigos (cf. CG24, 48-51) e as modalidades de participação nos órgãos de governo de nossas obras, estabelecendo critérios para a escolha do pessoal leigo que seja coerente com o nosso carisma.
- o) Os grupos da Família Salesiana sejam envolvidos no plano de redesenho das presenças salesianas.

### *Formação conjunta para a missão*

- p) A Inspeção garanta uma formação integral, que compreenda os aspectos teológicos, eclesiais, pastorais e carismáticos necessários para sustentar solidamente a missão compartilhada das diversas vocações.
- q) Evidenciar o valor dos Centros de Formação Permanente (Bangalore, Berkeley, Nairóbi, Quito) como experiência de formação conjunta e potenciá-los mais.
- r) Os dicastérios da formação e para a pastoral juvenil preparem um programa para a formação conjunta com os leigos (cf. CG26, n.10).
- s) A formação conjunta de salesianos e leigos comece ainda na formação inicial, dando atuação ao que está no *Documento final do Sínodo sobre os jovens*, n. 164.

### **31. Segunda fase do discernimento**

*Depois de tomar conhecimento das propostas dos capítulos inspetoriais, o Capítulo Geral é chamado agora a identificar as grandes opções para o próximo sexênio.*

**Que opções prioritárias podemos realisticamente tomar para enfrentar os desafios que surgiram em nível de Congregação, de Regiões e de Inspeções?**

Para que as opções sejam feitas em Deus, é necessário que, como Dom Bosco, nos deixemos guiar pelo Espírito. Isso requer uma atitude interior de silêncio, escuta, oração, partilha fraterna e respeito mútuo. Diante de Deus e das expectativas dos jovens, procuremos identificar com coragem o bem a fazer: «No que é de vantagem da juventude periclitante ou serve para ganhar almas para Deus, eu me avanço até à temeridade» (Const. 19).

Para realizar esse processo, é também necessária uma metodologia adequada, que deveria prever ao menos:

- a) um momento inspirador de leitura bíblica ou salesiana
- b) uma primeira partilha de propostas
- c) um tempo pessoal de silêncio e oração
- d) a individuação das prioridades, que emergirão normalmente da convergência dos pontos de vista (cf. Cost. 66)
- e) a articulação detalhada das prioridades individuadas

Enfim, é relevante recordar que qualquer opção de um Capítulo Geral tem muitas implicações. Requer precisar especialmente:

- a) que atitudes e mentalidades converter
- b) que processos ativar
- c) que condições estruturais garantir
- d) que responsabilidades confiar
- e) que sujeitos envolver

Esta complexidade sugere não multiplicar as opções, mas individuar as verdadeiras prioridades e articular as propostas com realismo e prudência.